

# A EMPATIA E AS CENAS DOS DISCURSOS NOS ESCRITOS ANTÔNIO FRANCISCO MELLO, PE. MELLO

## EMPATHY AND THE SCENES OF SPEECHES IN THE WRITINGS OF ANTÔNIO FRANCISCO MELLO, PE. MELLO

Marcio de Lima Pacheco<sup>1</sup>

Rawy Chagas Ramos<sup>2</sup>

1 Pós-Doutor em Letras, Linguística e Discurso (UERN) / Doutor em Filosofia/Metafísica (PUCSP) / Mestre em Filosofia/Metafísica (UFRN) / Especialista em Metodologia do Ensino Superior pela (FASA) / Licenciando em Biologia pela Centro Universitário FAVENI/ Licenciado em Língua Portuguesa e Espanhol (UNICV) / Licenciado em Filosofia (UERN) / Bacharel em Teologia Faculdade Católica Dehoniana/ Bacharelado em Engenharia Civil pela UNP. Professor e tradutor do: Latim, Grego e Hebraico. Disciplinas que ministra ou ministrou no Doutorado e Mestrado: Filosofia da Linguagem, Tópicos de Filosofia Moderna Locke e os Medievais; Disciplinas que ministra graduação : Filosofia, Ideias Filosóficas, Latim, História e Formação da Língua Portuguesa, Literatura Grega - Prosa, Língua Portuguesa - Fonética e Fonologia, Sintaxe, Ética I, TCC I e II, Lógica, Epistemologia, Metodologia do Trabalho Científico, Ontologia I e II, Antropologia Filosófica, Bioantropologia, História da Filosofia Antiga e Medieval, Bioética, Biofilosofia, Teologia, Leitura e interpretação de Texto, Sociologia Jurídica e disciplinas relacionadas à Pedagogia. Possui projetos de pesquisa que versam sobre: Insurgências do discurso nos APP de relacionamentos a partir de Dominique Maingueneau; O discurso filo-teológico de Feliciano de Narni, O discurso religioso em Aristide Serra; A questão litúrgica na Igreja Católica: Entre Trento e o Concílio Vaticano II; A questão da traduções litúrgicas na igreja do Ocidente, Pedro Damiano e a questão do silêncio; Paul Ricoeur; A questão das ideologias totalitárias em Eric Voegelin; Peter Singer; António de Mello; Voltaire; John Locke e a Tolerância; A intolerância religiosa; Any Rand; Adela Cortina e a questão da Aporofobia; Dominique Maingueneau e a questão do discurso; O discurso Poético-Filosófico em António Francisco de Mello (Pe. Mello), O discurso médico na contemporaneidade; A questão do Szomóru Vasárnap de Rezső Seress; A concepção Artístico-Simbólico dentro da Ontologia contemporânea; O existencialismo religioso em Gabriel Marcel; A quem interessa o MST e as Comunidades Eclesiais de Base? Um reduto político dentro das esfera eclesial; A educação e sua Gestão contemporânea no Brasil; A metafísica em Edhit Stein; Educação de Refugiados e Emigrantes; A questão da exclusão do estudo das filósofas da Filosofia Moderna; A questão do discurso de (in) tolerância feminista em: Rawls, Virginia Woolf, Angela Davis, Sally Haslanger; Tomás de Aquino; Tradução dos textos de Agostinho de Hipona; Fenomenologia da Religião, Moral Sacramental, Doutrina Social; História da Igreja Medieval, Liturgia Cristã, Ética social e ética cristã, Participe do Grupo de Teoria Política Contemporânea vinculado ao Departamento de Filosofia da UNIR. <http://orcid.org/0000-0003-3902-2680> e Researcher ID: Y-3516-2018; <http://lattes.cnpq.br/3757823723460546>, E-mail: [ppachecus@hotmail.com](mailto:ppachecus@hotmail.com)

2 Graduado em Teologia pela Escola Teológica Beneditina do Brasil e pela Faculdade Dehoniana; pós-graduado em Docência do Ensino Superior pela FMU, pós-graduado em Docência e Gestão da Educação à Distância pela Faculdade Focus, pós-graduado em Aconselhamento e Psicologia Pastoral pela Faculdade Serra Geral, pós-graduado em Docência em Teologia pela Faculdade Dom Alberto do grupo Faveni; Mestre em Direito Canônico pelo Pontifício Instituto Superior de Direito Canônico do Rio de Janeiro, agregado a Pontifícia Gregoriana de Roma; Psicanalista Clínico pelo Instituto de Estudo e Desenvolvimento Humano Superah (Matr. 1703-10/2023). Formação Psicanalítica no CETEP (Centro de Estudos de Terapia e Psicanálise. Terapeuta Holístico pelo Instituto Brasileiro de Terapia Holística IBRTH. Parapsicólogo pelo Centro Latino-Americano de Parapsicologia – CLAP; Secretário Escolar pelo Colégio São Judas Tadeu. Psicanalista na Clínica Madre Maria das Neves/RJ; Professor de Psicanálise no Polo do CETEP/RJ; Mestrando na Universidade Federal de Rondônia (UNIR) no programa de pós-graduação em Filosofia (Ética e Filosofia Política); E-mail: [rhawycr@gmail.com](mailto:rhawycr@gmail.com), <http://lattes.cnpq.br/8499444232725816>; <https://orcid.org/0009-0009-9677-7634>.

**Resumo:** O artigo investiga a trajetória e o legado intelectual do Padre Antônio Francisco de Mello, destacando a empatia em seus discursos e suas contribuições ao contexto histórico e social. Nascido em 1863, Mello abordou temas como justiça social e responsabilidade moral, incentivando a autorreflexão ética. A análise dos seus poemas revela três graus de empatia: a vivência da experiência alheia, a explicação que atribui sentido e a objetificação da vivência. O conceito de ethos, baseado na Retórica de Aristóteles, é central na construção da imagem do orador. O artigo também explora o ethos discursivo conforme Dominique Maingueneau, enfatizando a interação entre o ethos mostrado e dito, além do ethos pré-discursivo. A pesquisa propõe uma análise psicanalítica dos elementos que influenciam a relação entre locutor e destinatário.

**Palavras-chave:** Padre Mello. Empatia. Ethos. Retórica. Discurso.

**Abstract:** This article investigates the trajectory and intellectual legacy of Father Antônio Francisco de Mello, highlighting empathy in his speeches and his contributions to the historical and social context. Born in 1863, Mello addressed themes such as social justice and moral responsibility, encouraging ethical self-reflection. The analysis of his poems reveals three degrees of empathy: the experience of another person, the explanation that attributes meaning, and the objectification of the experience. The concept of ethos, based on Aristotle's Rhetoric, is central to the construction of the orator's image. The article also explores the discursive ethos according to Dominique Maingueneau, emphasizing the interaction between the ethos shown and said, in addition to the pre-discursive ethos. The research proposes a psychoanalytic analysis of the elements that influence the relationship between speaker and recipient.

**Keywords:** Father Mello. Empathy. Ethos. Rhetoric. Discourse.

## INTRODUÇÃO

A História sempre traz à tona personagens que foram marcantes em suas épocas. Personagens que souberam ser divisores de águas. Quando somos apresentados a esses personagens, somos tomados de surpresa, pois aqueles, parece-nos ser tão próximo.

Tal é a figura que iremos abordar nesse pequeno artigo, António Francisco de Mello, nato aos 27 de abril de 1863, em Achada Grande, que é uma freguesia dos Açores. Mariano Francisco de Mello e Rosa Pimentel de Mello eram seus pais. Seus avós paternos, eram: Sebastião de Mello e Joanna Maria de Mendonça e, materno eram: Antonio Francisco da Costa e Roza de Pimentel.

Foi ordenado sacerdote aos 25 de agosto de 1888. Teve seus primeiros anos de sacerdócio em Ribeira Chã, de 1889 a 1895, onde prestou relevantes serviços pastorais e sociais. Chegou ao Brasil aos 04 de outubro de 1895, para servir a recém-criada Diocese de Niterói nos idos de 1892, que por ter bispo nomeado Dom João Fernando Tiago Esberard que era ao mesmo tempo Arcebispo da Arquidiocese de São Sebastião do Rio de Janeiro, sua sede, pro tempore, na Cidade de Campos dos Goytacazes-RJ e, por catedral a Igreja de São Francisco da Penitência. Por causa do movimento da Revolta Armada, 1891 e 1893-1894, foi transferida para Nova Friburgo-RJ. Foi encaminhado à cidade de Sapucaia-RJ, onde exerceu seu ministério dignamente. Foi transferido para Bom Jesus do Itabapoana-RJ aos 18 de junho de 1899. Vindo a entregar a sua alma aos 13 de agosto de 1947, com fama de santo, piedoso e estudioso das mais diversas ciências.

Este artigo tem como missão abordar a empatia demonstrada pelo Padre Mello em relação aos cidadãos brasileiros, analisando como seus discursos atuam como dispositivos reflexivos que incentivam o indivíduo a reconsiderar criticamente seu contexto social, político e existencial. Por meio de uma abordagem filosófica, histórica e psicanalítica, busca-se explorar de que maneira as falas do sacerdote, mais do que simples manifestações religiosas, promovem uma autorreflexão coletiva, convidando o ouvinte a um diálogo interior sobre sua posição na sociedade contemporânea.

Historicamente, a figura do padre no Brasil sempre exerceu um papel de mediador

entre o divino e o humano, e Padre Mello, ao evocar temas como justiça social, desigualdade e responsabilidade moral, se insere nessa tradição ao fomentar a consciência crítica do cidadão. Sob uma ótica psicanalítica, pode-se interpretar seus discursos como atos que desestabilizam as barreiras defensivas do sujeito, permitindo o surgimento de uma nova percepção de si e do outro, fundamentada na empatia e na ética do cuidado. Assim, este trabalho busca refletir sobre a relevância de suas intervenções enquanto agentes transformadores no contexto sociopolítico brasileiro atual.

A motivação ao desenvolvimento deste artigo e da respectiva pesquisa reside na profundidade filo-teológica dos escritos do Padre Mello. A gênese dessa motivação remonta a 1999, quando, em um diálogo com o Monge Beneditino, Dom Estevão Bitencourt, OSB, questionava a existência de um sacerdote que unisse e aliasse a literatura e filosofia em suas reflexões.

Em resposta, Dom Estêvão mencionou a figura de um padre, já falecido, que possuía reputação de santidade e erudição, e que havia atuado em Bom Jesus do Itabapoana. Posteriormente, em 2002, viajei até Bom Jesus e ao visitar o túmulo, ainda no Cemitério de Bom Jesus e encontrei-me com o Mons. Apoliano, que, devido sua idade avançada, não pôde fornecer informações detalhadas sobre o sacerdote em questão.

Este artigo, portanto, busca aprofundar-se na trajetória e no legado intelectual do Padre Mello, analisando a intersecção de seus escritos com os campos da filosofia e da teologia, e investigando o impacto de seu pensamento no contexto histórico e religioso da época. Sob uma perspectiva psicanalítica, também se explora como suas reflexões literárias podem ser interpretadas como expressões simbólicas de uma busca por sentido, que transcende o indivíduo e ressoa com questões existenciais universais.

O método utilizado para o presente estudo consistirá na análise bibliográfica dos escritos do Padre Mello, bem como de fontes primárias e secundárias de reconhecida credibilidade. Entre essas fontes, destacam-se as obras de autores como João Caetano Flores, Antonio Soares Borges, Delton de Mattos, Gino Martins Borges de Bastos, Otacílio de Aquino, além de publicações periódicas, como o jornal Norte Fluminense, entre outros.

## O conceito de empatia aplicado aos poemas de Antônio Francisco de Mello

Os personagens que se fazem filhos dessa Pátria Amada, como é o caso do Padre Mello, trazem em si a Empatia que transcende a simples compreensão emocional e adquire um caráter ético, sendo fundamental à construção de uma sociedade mais justa e solidária. Mas, o que vem a ser esse termo, essa condição?

A empatia, nada mais é que, a experiência da consciência alheia, em geral, sem ter em conta de que tipo é o sujeito que tem a experiência e de que tipo é o sujeito cuja consciência é experimentada. Assim aparece a experiência que o eu em geral, tem de outro eu em geral. (Cf. Stein, 2004, p. 27). Ou seja, empatia que consiste na capacidade de sentir o que outra pessoa sente caso estivesse vivendo a mesma situação que ela. E, é por meio dela que somos levados a ajudar outras pessoas. Padre Mello se destaca nesta capacidade de sentir e agir em prol do outro, auxiliado de forma decisiva ao bem comum.

Psicanaliticamente, a empatia pode ser compreendida como um mecanismo de identificação projetiva, onde o sujeito, ao perceber o sofrimento do outro, acessa também seus próprios conteúdos inconscientes, o que possibilita uma compreensão mais profunda e autêntica das dores e alegrias compartilhadas.

Ela nos proporciona um tipo de conhecimento peculiar, de justa proximidade entre o eu e o outro, e consiste em apreender a vivência de um outro, o seu estado de ânimo, a sua alegria ou a sua dor. No entanto, não as apreendendo como sendo um ato originário, pois a empatia não é uma sensação nem um sentimento, nem um ato de percepção interna de si, e muito menos se pode reconduzir à recordação e à imaginação, mas é um ato concreto e originário através do qual podemos apreender uma vivência alheia (Cf. Stein 2004, p. 26-27). Neste sentido, como a autora explica, há uma diferença entre a minha própria vivência e a vivência do outro apreendida em mim:

Enquanto vivo aquela alegria do outro não sinto nenhuma alegria originária; ela não brota do “meu eu”, nem sequer tem carácter de ter-estado-viva-antes como alegria recordada. Porém, nem sequer é uma fantasia sem vida real, mas é o outro sujeito que tem originalidade; a alegria que brota dele é alegria originária mesmo que eu não a vivencie como originária. No meu vivenciar não-originário sinto-me, de certo modo, conduzido por um originário que não é vivenciado por mim e que se anuncia em mim, manifestando-se na minha experiência vivida não-originária. Deste modo, na empatia, temos um tipo de atos experienciais sui generis (Stein, 2004, p. 27)

Stein faz notar que existem três graus de atuação, ou por assim dizer, modalidades de atuação de vivência. Esses graus apontam para níveis de intensidade. Os mesmos “não ocorrem necessariamente, uma vez que se pode parar em apenas um deles” (Savian Filho, 2014, p. 38). Esses três graus são: Aparição da vivência; Explicação preenchedora de sentido; Objetificação da vivência explicitada.

Quando aparece para mim de uma vez, está diante de mim como objeto (por exemplo, a tristeza de outros que “leio na cara”); mas enquanto vou atrás das tendências implícitas (tento trazer a mim dados mais claros que o humor que se encontra no outro), ela já não é objeto em sentido próprio, mas se transferiu até dentro de si; já não estou volvido até ela, se não volvo nela até seu objeto, estou cabendo em seu sujeito, em seu lugar. E só atrás desta clareza conseguida na execução, me põe em frente outra vez à vivência como objeto (Stein, 2005f, p.87).

Ao lermos essa citação e os textos de Padre Mello, pode-se dizer que, toda sua obra é carregada desses três graus. O primeiro grau é aquele em que o vivido do outro aparece repentinamente em minha vida. A dor que o outro sente que é me contada. Ou seja, há a emergência da experiência, no caso a dor:

Abriu-se o caixãozinho cor de rosa

Junto da sepultura  
Aos olhares da infância curiosa,  
Que antes dela baixar a cara escura  
Queria vêr ainda  
(Padre Mello, Poema intitulado Odete, 1914)

No segundo grau, é uma atualização da minha imersão no estado de vivência do outro, eu estou envolvido no estado de espírito do outro. Aquela dor é acolhida por mim.

Como é tão duro  
Vêr a infância morrer, a flor da vida  
Esfolhar-se no berço quando o riso  
Da angelica inocência o lar converte  
Num paraíso!...  
(Padre Mello, Poema intitulado Odete, 1914)

No terceiro grau, a vivência daquela dor é o objeto para mim. Aquela dor que me foi contada, é compreendida pela vivência.

Nas tantas graças  
Acompanhava a pequenina Odette  
Que toda gente o nome lhe repete  
E a recordar-a passa  
Nunca vieste, ó anjo da inocência  
A voejar aqui;  
Que bem amargas são em tua ausência  
As saudades de ti!...  
(Padre Mello, Poema intitulado Odete, 1914)

“Sinto-me indignado por tamanho menoscabo da população para o com a figura daquele que tanto desgastou-se pela salvação das almas. Diante daquela sepultura, rezo por ele e por nós (...)” Carta 10 (05 de novembro de 1916)

Como nos explica Stein (2004, p. 27): “No primeiro e terceiro grau, a apresentação representa o modo não-originário à percepção não originária, enquanto no segundo grau corresponde à atuação da vivência”.

Duas coisas precisamos esclarecer. A primeira é o que seja a percepção originária. Ela está aquém de toda reflexão científica. É apreendida pela luz de uma consciência intelectual. Isto é, a própria inteligência humana se volta para sua camada fundadora com a finalidade de descrever o nascimento de toda percepção fundante da reflexão iniciante (Cf. Merleu-Ponty, 2005, prefácio 3). Segundo essa vivência é um ato de reconhecimento do outro, em uma apreensão imediata de um ser semelhante. Esse semelhante é independente. A empatia me possibilita essa vivência, que me envolvo, sem a possibilidade de fusão entre sujeitos, em um reconhecimento mútuo. Reconheço como sujeitos e não como objetos ou coisas do mundo físico. Dessa forma, a vivência dos outros como se fosse a minha.

Nota-se que a empatia permite traçar a distinção entre a relação que a pessoa humana tem com as coisas, com todos os tipos de objetos, e a relação que tem com outras pessoas humanas.

As vivências que visam uma pessoa não seguem uma via de mão única como acontece em relação às coisas meramente físicas. Essas vivências chegam até a pessoa e retornam enriquecidas pelas qualidades que encontram. Por isso, pode-se dizer que há um acréscimo ao nosso fluxo de vivências (Urstrom) (Alferi, 2014, p.85).

É importante pensarmos que a empatia permite ao ser humano viver a sua individualidade, sua corporeidade, em um contínuo a experimentar o outro, como corpo vivenciado (Leib) e personalidade. De forma, que a empatia não é percepção. Mas, uma vivência totalmente nova, que percebe, que é capaz de sentir. Ela necessita do envolvimento de todas as dimensões da pessoa, a corporeidade, a dimensão psíquica e, sobretudo, o espírito, uma vez que fazem parte de toda e qualquer ação humana.

Deveras, os escritos de Padre Mello, ao descrever o sofrimento humano, como no poema

Odete, exemplifica o processo ao envolver o leitor não apenas no relato do sofrimento, mas na imersão na vivência do outro, trazendo à tona uma reflexão existencial e espiritual. Sob a lente psicanalítica, a empatia como um mecanismo de reconhecimento do outro como sujeito, e não como um simples objeto do mundo físico, reconhece e promove uma conexão entre os sujeitos que, embora não resulte em fusão, permite um enriquecimento mútuo das vivências. A vivência empática é, portanto, um ato que envolve todas as dimensões da pessoa — corpórea, psíquica e espiritual —, destacando-se como uma forma singular de experiência humana. Dessa forma, a empatia não apenas possibilita a compreensão do outro, mas também enriquece a própria individualidade, ao permitir que o sujeito vivencie a alteridade de maneira plena e transformadora.

### **O discurso em Mello**

A ação humana é, também, expressada pelo ato discursivo como forma de ação pela linguagem. Essa ação é pressuposta a um jogo de posições que associa aquele profere o discurso e toma a palavra, no caso, o locutor. E quem o recebe e interage, o destinatário. Essa relação faz com que o locutor transmita implicitamente uma imagem de si mesmo capaz de convencer e persuadir seu destinatário, ganhando a sua confiança, de maneira que esse construa uma representação do locutor que considere o que ele diz e a maneira como foi dito não importando o tempo e o espaço presente. Como temos no Poema *Morrer sonhando*:

Cedo, bem cedo, perderei a vida, Planta ferida no mimoso pé.  
Teu desengano a perecer me ordena,  
Na idade plena de esperança e fé.  
Porém a morte me é suave e doce,  
Como se fosse uma ilusão de amor.  
Embora eu sinta que uma luz se apaga,  
Outra me afaga de eternal fulgor.  
Morrer sonhando! Como é doce a morte!

Que vale a sorte que esta vida tem?  
A vida é sempre uma fugaz mentira,  
A morte aspira a realidade além.  
Morre este corpo de servil matéria,  
Baixa a miséria de funéreo pó.  
Porém minh'alma sempre viva sonha  
Vida risonha, não mereço dó.  
Beijo-te a mão que me assassina e creio  
Que ela me veio libertar ao fim.  
Morrer sonhando é despertar na glória.  
Eis a vitória! Morrerei assim!  
A vida é sempre uma fugaz mentira  
A morte aspira à realidade além.  
(MELLO, 2018, p. 109).

Nessa ação, ao tomar a palavra, o locutor, conscientemente ou não, tenta orientar a interpretação e avaliação dos signos que envia ao destinatário, buscando dar um sentido que lhe seja favorável e arriscando a sua imagem inicialmente produzida.

Esse construto conceitual apresentado é denominado de ethos. Essa noção remonta ao campo da arte oratória Grega, especificamente da obra Retórica de Aristóteles, em que a prova pelo ethos estava ligada ao caráter moral do orador. Isto é “a capacidade de descobrir os meios de persuasão no tratamento de qualquer assunto” (Aristóteles, 1355b) e à boa impressão que ele poderia causar ao ouvinte por meio de seu discurso, conforme nos diz o Estagirita: “[...] seria absurdo que a incapacidade de defesa física fosse desonrosa, e o não fosse a incapacidade de defesa verbal, uma vez que esta é mais próxima do homem do que o uso da força física” (Aristóteles, 1355a). Tem, então, a finalidade de construir essa imagem de si, positiva e crível, para legitimar seu discurso, os oradores valiam-se de gestos, mímicas, o olhar, a postura, a entonação e escolhiam palavras e argumentos:

A retórica é útil, porque o verdadeiro e justo são, por natureza, melhores que seus contrários. Donde se segue que, se as decisões não forem proferidas

como convém, o verdadeiro e o justo serão necessariamente sacrificados: resultado digno de censura (Aristóteles, 1355A).

É interessante notar que a construção de um discurso passa por algumas disposições conforme Cícero: dispositio, elucutio e a actio ou pronunciatio.

O orador deve ter invenção, disposição, elocução, memória e pronúncia. Invenção é a descoberta de coisas verdadeiras verossímeis que tornem a causa provável. Disposição é a ordenação e a distribuição dessas coisas: mostra o que deve ser colocado em cada lugar. Elocução é a acomodação de palavras e sentenças adequadas à invenção. Memória é a firme apreensão, no ânimo, das coisas, das palavras e da disposição. Pronúncia é a moderação, com encanto, de voz, semblante e gesto. (Cícero, 2005, p.55).

A primeira na da mais é que a organização das seqüências da ordenação do discurso:

(...) a ordenação das grandes partes do discurso (seja no sentido operatório, seja no passivo, reificado). A melhor tradução será talvez composição, recordando que a com positio, em latim, significa outra coisa: ela, diz respeito unicamente ao arranjo das palavras no interior da frase. A conlocatio designa a distribuição dos materiais no interior de cada parte. Segundo uma sintagmática aumentativa, temos pois: o nível da frase (com-positio); o nível da parte (conlocatio); o nível do discurso (dispositio). (Cohen, 1975, p. 205).

Uma vez ordenado o discurso, é necessário escolher os termos lexicais e também das figuras a serem empregadas. Esse é um ponto importante na composição do discurso, pois por meio do estilo, da expressão, seja escrita ou oral, a mensagem é levada ao público de forma a concretizar a empreitada persuasiva. Aristóteles considera virtuoso o estilo que se baseia em clareza, pureza da linguagem, adequação ao gênero escolhido e equilibra o uso das figuras de acordo com as regras do decorum (Mendes, 2016).

Por último temos a actio ou a pronuciatio. Ela está ligada, ligada à forma de apresentar o discurso considerando, no caso da retórica clássica, a apresentação oral como objeto de análise. No vídeo analisado é possível perceber o tom, a modulação da voz e a velocidade da fala, os gestos, olhares, expressões, além de trajés, maquiagem e cabelo dos personagens-narradores.

A excursão da elucutio é orientada pelas quatro virtutes elocutionis.

As virtutes elocutionis são a concretização, aplicada à elocutio, da virtus geral do discurso partidário. A virtus central é, neste caso, o aptum. A isto se juntam, como virtutes retóricas, a perspicuitas e o ornatus e, como virtus gramatical, a puritas. — A maiestas, que vigora como virtus da poesia, pode ser considerada como ornatus poético. Para a obtenção do sucesso da persuasão são sempre necessárias a puritas, como conformidade do discurso com o sistema linguístico da comunidade linguística, conformidade essa que permite um entendimento; a perspicuitas, como garantia pragmática da compreensibilidade da intenção concreta do discurso; o aptum, como ligação à situação. — O ornatus não é uma virtus imprescindível. A importância das quatro virtutes leva, às vezes, o orador a conflitos de obrigações. Mas, neste caso, a obrigação mais importante é o aptum (lex potentior), pois que, quer direta quer indiretamente, está canalizada para a própria finalidade do discurso. (Lausberg, 1993, p.119).

O ethos possui raízes assentadas no discurso jurídico e conseqüentemente, no discurso literário, que se constituiu como uma das fontes principais de estudos da Retórica aristotélica. O ethos, como uma das provas de persuasão e convencimento da retórica, era condição para o sucesso do orador em um debate jurídico, no qual o “vencedor” seria o que apresentasse a efetiva impressão de credibilidade naquele discurso, convencendo o auditório de suas teses.

Na literatura temo o dito e o dizer, o texto e o contexto que são inseparáveis O terreno que se encontra o texto em constituição tem uma base bem definida, qual seja, a linguagem como discurso, que permite conceber a literatura não simplesmente como texto, mas como um processo “que permite desestabilizar a distinção entre ‘texto’ e ‘contexto’”, na expressão do próprio Maingueneau (2002).

O espaço literário faz, num certo sentido, parte da sociedade, mas a enunciação literária desestabiliza a representação de um lugar, algo dotado de um dentro e de um fora. A existência social da literatura supõe a impossibilidade de ela fechar-se em si mesma e a de confundir-se com a sociedade comum. Mas, paradoxalmente, supõe também a necessidade de jogar com esse meio-termo. Isso obriga os criadores a alimentar-se de lugares, grupos, comportamentos que são tomados num “pertencimento impossível”. A literatura, como discurso constituinte, “pode ser comparada a uma rede de lugares na sociedade, mas não pode encerrar-se verdadeiramente em nenhum território” (Maingueneau, 2002, p. 92). O pertencimento ao campo literário não é, portanto, uma “ausência de todo lugar, mas, como dissemos, uma negociação entre lugar e não-lugar, um pertencimento parasitário que se alimenta de sua inclusão impossível” (Maingueneau, 2002, p. 92).

O discurso literário mantém relação com a memória, com um certo arquivo literário impregnado, implícita ou explicitamente, por valores legados por uma tradição. Para posicionar-se, o criador, diz Maingueneau, deve definir trajetórias próprias no intertexto. A obra forma unidade com a gestão de sua identidade no intertexto, estruturando-se por meio de tensões que a tornam possível. Há um estreito relacionamento entre posição e memória intertextual, tal como ocorre no poema Orando do Padre Mello dedicado a menina Gilda Menezes (Poesias inéditas, 1916):

Oravas. Ante a Hóstia consagrada  
ante o mistério que minha alma adora  
os lábios teus diziam-lhe cá fora  
a prece sembro<sup>3</sup> da alma formulava.  
que murmurava tu? que vôo d'alma  
despedida n'essa hora o pensamento?  
Só o sabias tu e o Sacramento  
que aos seus devotos tanta dor a calma.

E surgindo depois com uma parte  
das piedosas socias tu vieste

---

3 Do verbo Sembrar - parecer, assemelhar-se, semear.

para mim a sorrir e me disseste;  
“Orei pelo senhor!” Como ouvir-te?

É através da linguagem que se pode apreender os sentidos provenientes das atividades comunicacionais entre os sujeitos que se estabelecem. Os discursos se formam a partir da linguagem e através deles os sentidos são evidenciados e propagados no meio social dos conteúdos neles implícitos. Esse processo comunicacional requer regras, as quais são estabelecidas e respeitadas pelos sujeitos do discurso para que haja comunicação e/ou interação entre os mesmos.

O discurso é uma forma reescrita de “verdades”, ou formações discursivas pré-existentes, que se transformam e se retransmitem, manifestando novos sentidos. É uma espécie de alerta às coisas que nos referimos, de forma limitada, como verdades. Os discursos devem, portanto, ser considerados como práticas descontínuas que abrem espaço para múltiplas possibilidades de interpretação, no entendimento dos diversos sentidos com que se apresentam. Pois:

É no interior do campo discursivo que se constitui um discurso, e levantamos hipóteses de que essa constituição pode deixar-se descrever em termos de operações regulares sobre formações discursivas já existentes. O que não significa, entretanto, que um discurso se constituía da mesma forma com todos os discursos desse campo; e isso em razão de sua evidente heterogeneidade: uma hierarquia instável opõe discursos dominantes e dominados e todos eles não se situam necessariamente no mesmo plano. (Maingueneau, 2008, p. 34).

O sentido, para o autor supracitado, vai além de uma interpretação subjetiva. Cabe, então, ao interlocutor, ou investigador, fazer uma análise e atribuir novos sentidos ao discurso, para assim adquirir um posicionamento social sobre sua interpretação.

O discurso, sempre se mostra ambíguo, “pois pode designar tanto o sistema que permite produzir um conjunto de textos, quanto o próprio conjunto de textos produzidos” (Maingueneau, 2008a, p. 51). O discurso, nesse ponto, não apresenta em seu contexto um sentido determinado, ou

seja, não é algo pronto e acabado, e sim a junção de diferentes significados de enunciados já ditos, que se vinculam discursivamente sob uma perspectiva normatizada pelo campo discursivo em que estão inseridos. A multiplicidade de discursos que circulam na sociedade é estabelecida pelo funcionamento da linguagem, aspecto esse fundamental para que a comunicação verbal seja compreendida e os sujeitos construam seus discursos dentro das regras de seu campo discursivo.

De acordo com Maingueneau (2004), trata-se de regras, ou leis, de que os interlocutores já têm um certo conhecimento e que transmitem conteúdos implícitos no discurso: a lei da pertinência, que, “intuitivamente, estipula que uma enunciação deve ser maximamente adequada ao contexto em que acontece: deve interessar ao destinatário, fornecendo-lhe informações que modifiquem a situação” (Maingueneau, 2004, p. 34); a lei da sinceridade, que “diz respeito ao engajamento do enunciador no ato de fala que realiza” (Maingueneau, 2004, p. 35), para que o seu discurso tenha veracidade no conteúdo e ganhe credibilidade; a lei da informatividade, que incide sobre o conteúdo dos enunciados e estipula que não se deve falar para não dizer nada, que os enunciados devem fornecer informações novas ao destinatário” (Maingueneau, 2004, P. 36); a lei da exaustividade “[...] que especifica que o enunciador deve dar a informação máxima”, isto é, com exatidão, concretude e precisão, para que não haja dúvidas ao seu respeito; por fim, as leis da modalidade, que diz que “os enunciados não são destinados a ser compreendidos no sentido habitual da palavra” (Maingueneau, 2004, p. 37), mas em conformidade com o gênero discursivo em que são empregadas: não a partir de um entendimento literal das palavras, e sim pela percepção das possibilidades pragmáticas da formação de sentidos a partir do contexto.

O discurso, sempre, é proferido a partir da regência dessas leis, as quais não são obrigatórias, no entanto adotam um modelo de conhecimento recíproco entre os sujeitos discursivos. Assim como por meio das leis que o conduzem, o discurso também se define com base nas ciências da linguagem e sua interação com as correntes teóricas advindas das ciências humanas e sociais. Nessa linha de pensamento, Maingueneau (2015) elucida a composição do discurso em oito “ideias-força”, assim por ele chamadas:

a) O discurso é uma organização além da frase; b) O discurso é uma forma de ação; c) O discurso é interativo; d) O discurso é contextualizado; e) O discurso é assumido por um sujeito; f) O discurso é regido por normas; g) O discurso é assumido no bojo de um interdiscurso; h) O discurso constrói socialmente o sentido. (Maingueneau, 2015, p. 25-29)

A constituição do discurso se dá por meio da relação entre os elementos supracitados. Eles desempenham ações uns sobre os outros, de forma que possibilitam a interação entre os sujeitos do discurso em um contexto que possui particularidades normatizadoras; retomam o discurso por meio do mesmo gênero discursivo, tornando-o acessível aos receptores e proporcionando uma relação interdiscursiva através da construção de sentidos estabelecida no interior das práticas sociais.

Os gêneros discursivos vão se modificando e adquirindo novos sentidos e/ou verdades, como é o caso dos discursos político, religioso, científico, literário, entre outros, os quais concomitantemente são empregados em tipos diferentes de atividade social, como os comícios, missas, palestras, romances, etc. Se considerarmos o seu uso em diferentes campos discursivos, percebemos o quão amplo é esse conceito, como explica Maingueneau:

Os gêneros de discurso pertencem a diversos tipos de discurso associados a vastos setores de atividade social. Assim, o “talk show” constitui um gênero de discurso no interior do tipo de discurso “televisivo” que, por sua vez, faz parte de um conjunto mais vasto, o tipo de discurso “midiático”, em que figurariam também o tipo de discurso radiofônico e o da imprensa escrita. (Maingueneau, 2008, p. 61-62).

Para o autor, os gêneros se especificam por meio da necessidade de seu uso em determinado lugar, e mesmo que estes evoluam e as formas de atividade se modifiquem, só se é possível pensar em gênero em função do espaço já existente e o espaço a ser formado pelo mesmo.

Maingueneau (2015) coloca que o gênero pode se definir e se agrupar a partir da instância,

espaço, campo discursivo a que pertence, cabendo ao analista/pesquisador essa definição, com base nos dados da sua pesquisa. Quanto ao campo discursivo, este traz a noção de posicionamentos diferenciados dentro de um mesmo espaço, isto é, os enunciados são inscritos de modo heterogêneo, num espaço em as formações discursivas que deles emanam e concorrem em relações de conflito, de troca, ou associação.

A partir da narrativa dos fatos se definem quem são os protagonistas dos acontecimentos e as imagens que são projetadas por esses participantes nos enunciados,

“por isso mesmo, os estudos do discurso têm reconhecido a necessidade de se investigarem essas imagens, uma vez que a projeção de uma imagem de si constitui um dos recursos mais importantes de que o ator social se vale para alcançar seus objetivos junto aos seus interlocutores” (Tomazi; Cunha, 2016, p. 146).

A necessidade imperiosa de se investigar as imagens de si, especificamente o ethos dos enunciadorez produzidos no discurso jurídico, é o que move esta tese. Delimitamos o ethos que objetivamos estudar como sendo o discursivo, proposto pelo analista de discurso francês Dominique Maingueneau, em razão da sua complexidade de categorias que permitem desvelar efetivamente as imagens projetadas nos discursos selecionados como corpus deste estudo.

Ainda ao analisar o discurso do Padre Mello, especialmente, em seus poemas como *Morrer Sonhando*, podemos trazer à luz conceitos psicanalíticos que auxiliam na compreensão mais profunda da relação entre orador e destinatário. Segundo Freud e Lacan, o discurso humano é permeado pelo inconsciente, e as palavras são, muitas vezes, manifestações de desejos e conflitos internos. Freud (2019), ao tratar da dinâmica entre o consciente e o inconsciente, sugere que o discurso não apenas revela, mas também oculta aspectos profundos da psique. No caso de Padre Mello, seus escritos, como o poema mencionado, podem ser interpretados como expressões de uma busca pela transcendência e enfrentamento da finitude, temas centrais na experiência humana que Freud (2010) associaria ao

conflito entre Eros e Tânatos, pulsão de vida e morte, respectivamente.

Lacan (1985), por sua vez, destaca a função do Outro no discurso. Em seus termos, o locutor (Padre Mello) cria um discurso que se direciona ao destinatário, mas que, ao mesmo tempo, busca o reconhecimento desse Outro, que pode ser tanto o leitor quanto uma figura mais transcendente, como Deus. O ethos construído nos textos de Mello, de acordo com a perspectiva lacaniana, reflete não apenas o desejo de comunicar, mas também a tentativa de preencher uma falta, uma lacuna constitutiva no ser, o que Lacan chama de falta-a-ser (*manque à être*). O orador, ao projetar-se no discurso, também busca validar sua existência e encontrar sentido na relação com o Outro, seja ele o público ou o divino.

A psicanálise, portanto, ilumina o discurso de Mello ao nos permitir entender como suas palavras não apenas transmitem uma mensagem, mas também revelam uma estrutura subjetiva que se debate entre o finito e o infinito, entre o eu e o outro. O ethos persuasivo de Padre Mello reflete essa complexa dinâmica psíquica, na qual o discurso, mais do que uma simples comunicação, se torna um meio de elaboração de angústias e desejos inconscientes, permitindo ao sujeito se posicionar em relação ao mundo e à sua própria condição existencial.

## **O ethos discursivo**

O ethos discursivo proposto por Dominique Maingueneau coloca em interação um ethos mostrado, que resulta da maneira de falar do enunciador, e um ethos dito, que reflete aquilo que o enunciador diz de si mesmo enquanto enuncia, uma espécie de imagem formulada. A constituição do ethos discursivo delega fundamental importância para os destinatários, que mantêm uma representação do ethos do enunciador antes mesmo de ele vir a falar, o que é chamado de ethos pré-discursivo ou prévio.

Desse modo, estabelece-se uma distinção entre ethos discursivo e ethos pré-discursivo ou prévio, porém, essa distinção deve levar em conta a diversidade das situações de comunicação em

que os discursos são enunciados. Por fim, “o ethos efetivo de um enunciador resulta da interação entre seu ethos pré-discursivo, seu ethos discursivo 7 ou ethos mostrado, e os fragmentos do texto no qual ele evoca sua própria personalidade (ethos dito)” (Maingueneau, 2020, p. 12). A problemática que cerca o ethos discursivo é registrada por Maingueneau (1997, 2008a, 2008c, 2020) sob o conceito de “incorporação”, sendo que a concepção do teórico ultrapassa a ideia de persuasão pelos argumentos, e reconhece que a noção de ethos possibilita uma reflexão voltada para a adesão dos sujeitos ao universo configurado pelo enunciador. Isso se pode notar no poema de Mello intitulado Coherencia (1900):

Foi um dia, eu me lembro. De passeio,  
ao suave frescor de tarde amena,  
de uma banco do jardim alguém me acena  
e o meu encontro pressuroso veio.

Conversando, lá fomos pelo meio  
dos pomposos canteiros. A açucena,  
o crisântemo, o cróton, a verbena,  
o lírio, o tinhorão.. e em pavoneio

por toda parte a rosa no seu leito  
de túnica folhagem - majestade  
daquele povo que lhe tem respeito.

“Mas no meio de tanta variedade  
(diz-me o amigo) nem um amor-perfeito?”  
-Pois se o não há também na sociedade?...

É interessante notar que a incorporação pode ser considerada como o processo pelo qual o destinatário do discurso se apropria desse ethos por meio da representação sob a figura de um fiador, uma espécie de corpo ilusório do enunciador. O destinatário constrói de maneira mais ou menos fluida, mais ou menos consciente, a figura desse fiador com base em um conjunto de repre-

sentenças sociais estereotipadas, valorizadas ou desvalorizadas, que a enunciação contribui para reforçar ou transformar (Maingueneau, 2020, p. 14).

O ethos também se posiciona em uma cena de enunciação em que o enunciador pode escolher mais ou menos a sua cenografia. Maingueneau (2004) dividiu as cenas em: cena englobante, cena genérica e cenografia. A cena englobante integra o discurso a uma esfera de atividade, como a jurídica, publicitária, filosófica; a cena genérica diz respeito às normas que constituem um gênero ou subgênero de discurso, como a poesia, um editorial ou uma consulta médica, entre outros; por fim, destaca-se a cenografia, que não é imposta pelo gênero de discurso, mas é construída pelo próprio texto. Com base nessa cenografia é que, na visão de Maingueneau (2014), o ethos discursivo é construído, pois é por meio dela que o enunciador escolhe a maneira pela qual quer se mostrar ao público e alcançar o seu auditório.

Diante desse quadro, estabelecemos a primeira questão-problema da tese: quais estratégias são usadas pelo (s) enunciador (es) nos poemas do Padre Mello para mobilizar os coenunciadores para atribuir-lhe (s) um ethos/ethé dito?

A incorporação é um dos problemas que residem no ethos discursivo, que delega ao coenunciador do discurso a propriedade de se apropriar do ethos produzido por um fiador (que não necessariamente corresponde ao enunciador efetivo). Os indícios textuais e as escolhas lexicais fazem emergir essa representação subjetiva do corpo do enunciador. Dessa maneira, a segunda questão-problema é: quais as escolhas lexicais e indícios textuais que configuram a representação do fiador no discurso literário, especificamente nas poesias do Padre Mello?

Outra questão que levantamos diz respeito à cenografia elaborada pelo enunciador ou instituída pelo próprio gênero de discurso e sua atuação na construção do ethos discursivo. É imprescindível para a compreensão do ethos do fiador a identificação e caracterização da cenografia do discurso, por isso, também definimos como questão: como os conflitos históricos, políticos e sociais que cercam a poesia do Padre Mello compõem a cenografia do discurso e são determinantes para a constituição do

ethos discursivo?

Considerando essa problemática é que nasce a proposta principal desta tese, que tem por objetivo geral: analisar a constituição do ethos discursivo do Padre Mello em suas poesias, considerando os gêneros de discurso que o compõem.

Com efeito, o ethos discursivo, conforme proposto por Dominique Maingueneau, revela-se como uma construção que vai além da simples imagem transmitida pelo enunciador em seu discurso. Em um viés psicanalítico, essa construção pode ser analisada à luz dos conceitos freudianos e lacanianos, que ajudam a desvendar os aspectos inconscientes e subjetivos que permeiam a interação entre locutor e destinatário.

Freud, em suas investigações sobre a dinâmica psíquica, propõe que o discurso humano é atravessado por processos inconscientes, o que implica que o ethos discursivo do enunciador não é uma representação puramente racional de si, mas também uma manifestação de desejos reprimidos e conflitos internos. Esse ethos é moldado, em grande parte, por elementos do inconsciente que escapam ao controle do sujeito e que se revelam nas escolhas lexicais e nas cenas discursivas. No caso do Padre Mello, suas poesias, ao evocarem questões existenciais e sociais, podem ser lidas como expressões simbólicas de conflitos psíquicos mais profundos, como a luta entre a vida e a morte, o eu e o outro.

Jacques Lacan (1998) complementa essa análise ao introduzir a noção de que o sujeito é sempre constituído na relação com o Outro, sendo o discurso uma forma de busca de reconhecimento e validação. O ethos de Padre Mello, portanto, não se limita ao que ele diz conscientemente, mas envolve a maneira como ele se apresenta a esse Outro — seja o leitor ou uma instância mais transcendental. A cenografia escolhida pelo poeta, como sugerido por Maingueneau, funciona como um palco onde o enunciador projeta uma imagem de si que é, em última instância, moldada por essa demanda de reconhecimento. A psicanálise ilumina esse processo ao mostrar que a maneira como o enunciador se posiciona no discurso é uma tentativa de lidar com a falta e o desejo, fundamentais na constituição da subjetividade.

Ao analisar o ethos discursivo de Padre Mello por um viés psicanalítico, podemos observar

que a construção do ethos não é meramente uma estratégia retórica, mas um processo profundo, no qual o inconsciente e a relação com o Outro desempenham papéis essenciais na formação da identidade discursiva do sujeito. O ethos, nesse contexto, torna-se uma ponte entre a imagem consciente que o enunciadador deseja projetar e os elementos inconscientes que o atravessam, contribuindo para a complexidade e a profundidade de suas produções literárias.

### **Padre Mello e as Cenas de Enunciações**

É inegável a atividade discursiva do Padre Mello durante sua vida. Sua obra pode ser constatada no Instituto Cultural de Ponta Delgada com os títulos: *Matutinas* (1891), *Leão XIII* (1893), *O Padre* (1890).

O padre João Caetano Flores nos dá, em uma carta de 17 de agosto de 1981 que existem os poemas: *Canções minhas canções*; *Tributos de Admiração e Respeito*; *Armas* (1891), *Vitória do Gênio*, *Os cavalos de Zebinho*, *Visão e Morte*, *Hino do Seminário de Angra*.

Há duas publicações brasileiras que reúnem diversos escritos do ilustre sacerdote publicado em diversos jornais e revistas: *Obras Seleccionadas do Padre Mello pelo Jornal Norte Fluminense* (2018), *Páginas Memoráveis de Bom Jesus do Itabapoana: Padre Mello, prosa e verso* (2005) e o *Jornal Norte Fluminense* (1946- ).

Está em elaboração de três volumes sobre o referido padre, a saber: *Poesias e Reflexões de um Cotidiano: uma leitura filo-sócio-linguística sobre fatos reais em forma de poesia pelo Padre Antônio Francisco Mello* (Vol. 1 ), *Versos e Poesias inéditas de Antonio Francisco de Mello* (Vol. 2 – traz o fac-símile do escrito dos poemas dentre eles: *Odette*, *O Pão que nos vem de Fetal – 1885* - *Sobre o Milagre de Nossa Senhora de Fetal*, *A muda e o olhar indulgente- 1884- Sobre o Milagre de Nossa Senhora da Ortiga-* ) e *A história e a Geografia de Bom Jesus do Itabapoana através dos escritos do Padre Mello* (Vol. 3).

Há alguns escritos (livros) que são citados em cartas particulares do Padre Mello a parentes

ou amigos que ele perde que procure são eles: Plantas nativas e bestário (1892), Uma análise do tomo Memórias da Vila de Oleiros e do seu Concelho (1894), Pequena história da Diocese de Angra (1894). Diz ele na carta 07 (11 janeiro de 1896):

“(...) dei-me conta que não trouxe as minhas seleções sobre Plantas e pequenos insetos que levantei ao longo dos anos de seminário. Também, por cá, não encontrei minhas análises sobre a peça de S. Exa. Rev.ma Memórias da Vila de Oleiros e do seu Concelho que escrevi durante a peste em 1894”.

Já na carta, número 8 (data e mês ilegíveis 1898), diz: “Não tive tempo, em meu retorno, para procurar os meus escritos sobre a História da Diocese de Angra. Aqueles mo foi pedido por S. Exa. Rev.ma Francisco Viera e Brito logo depois de sua posse”. Infelizmente, as duas são endereçadas a um João Padre nosso e acreditamos que tenham se perdidos ou que estejam ainda não catalogadas em bibliotecas dos Açores ou de Portugal.

Todos esses escritos pressupõem uma atividade discursiva que está alicerçado dentro de um quadro construído a partir da encenação das falas dos sujeitos enunciadore, que por sua vez, estão submetidas as restrições do gênero daquele discurso. Ao abordar a cena de enunciação, Maingueneau (2015) recorre a uma metáfora de compreensão da sociedade como um teatro, para isso cada sujeito desempenha um papel e participa de uma imensa peça teatral. Esses papéis são determinados a partir do gênero de discurso que “mobiliza seus participantes por meio de um papel determinado, mas não em todas as suas determinações possíveis” (Maingueneau, 2015, p. 118). Destarte, o gênero jurídico que propomos estudar é um dos setores de atividade social que melhor determina e atribui um papel previamente aos sujeitos, partes processuais, promotor, escrivão, juiz, são exemplos desses papéis.

A cena de enunciação enquanto elemento pertencente a um quadro de restrições de um gênero de discurso oferta ao analista do discurso a competência de classificar os gêneros analisados e, assim, situá-los dentro de um universo discursivo e, não somente, possibilita identificar as semelhanças e diferenças dos gêneros e campos discursivos. Maingueneau (2001, 2004, 2015) estabelece que a

cena de enunciação de um gênero de discurso não é uma fórmula fechada, mas, uma noção que faz interagir três cenas: a cena englobante, a cena genérica e a cenografia.

A cena englobante é a que corresponde ao tipo de discurso, e é resultado de um recorte de setor da atividade social caracterizada por uma rede de gêneros de discurso, esta cena confere ao discurso seu estado pragmático: jurídico, literário, religioso, filosófico, dentre outros. O autor exemplifica que quando recebemos um folheto na rua, devemos ser capazes de determinar a que tipo de discurso ele pertence: religioso, político, publicitário, etc. ou seja, qual é a cena englobante na qual é preciso que nos situemos para interpretá-lo, em nome de que o folheto interpela o leitor, em função de qual finalidade ele foi organizado (Maingueneau, 2004, p. 86).

Ao classificar o discurso dentro de uma cena englobante, o analista perceberá não somente o tipo do discurso ao que aquele enunciado se encaixa, mas sim, os papéis que os enunciadores e coenunciadores representam, considerando precipuamente o gênero de discurso a qual pertence.

A cena genérica corresponde a determinadas condições de enunciação impostas por cada gênero de discurso. Está ligada a uma instituição discursiva como uma espécie de contrato firmado com o gênero de discurso. Assim, a cena genérica atua como norma delimitadora de um enunciado e suscita uma expectativa de comunicação quanto a: finalidade, papéis para os parceiros, lugar apropriado para o seu sucesso, uma temporalidade, um suporte, uma composição e um uso específico dos recursos linguísticos.

Como exemplo, no plano do nosso trabalho de pesquisa temos a sentença que possui uma finalidade específica que é reconhecida pelos sujeitos participantes da atividade discursiva; e onde são atribuídos papéis a partir desse gênero de discurso que vão desde papéis estatutários como o de juiz, bem como o de atitudes durante a enunciação (benevolência, transigência, calma, entre outros); há também um lugar apropriado para que o discurso atinja seu sucesso, o espaço de um tribunal é um exemplo; a temporalidade é onde a sentença está inscrita cronologicamente importando seus prazos e durações das penas ali apresentadas; o suporte naturalmente seria o textual, em razão da necessidade de mantê-los em arquivo; a composição da sentença segue um “plano de texto” rígido, isto é, segue

uma determinada. Ordem estabelecida, por último, o uso específico de recursos linguísticos que na sentença é observada uma linguagem formal, com rigor linguístico elevado.

A cenografia é a instância da cena de enunciação que não é imposta pelo gênero de discurso como o é a cena englobante e a cena genérica; ela é construída no e pelo próprio texto. A noção de cenografia está apoiada na ideia de que é “o enunciador, por meio da enunciação, quem organiza a situação a partir da qual pretende enunciar” (Maingueneau, 2015, p. 123). Assim, a cenografia legitima os enunciados a partir desse movimento autônomo do enunciador que controla o seu desenvolvimento.

A cenografia não é simplesmente um quadro, um cenário [...] é a enunciação que, ao se desenvolver, esforça-se para constituir progressivamente o seu próprio dispositivo de fala. [...] A cenografia implica, desse modo, um processo de enlaçamento paradoxal [...] a cenografia é ao mesmo tempo a fonte do discurso e aquilo que ele engendra (Maingueneau, 2004, p. 89).

Assim, a cenografia legitima o enunciado, que por sua vez, deve legitimá-la, sendo construída pelo enunciador em determinado momento histórico, em um lugar social determinado, e em um tempo preciso. Por fim, é pelo discurso que o enunciador constrói a sua cenografia em busca de atender as necessidades do seu coenunciador.

Enfim, a análise das cenas de enunciação nas obras de Padre Mello pode ser enriquecida por uma perspectiva psicanalítica, trazendo à tona as camadas inconscientes que influenciam a construção de seu discurso e o impacto sobre o destinatário. Na obra de Padre Mello, as cenas de enunciação revelam mais do que simples informações históricas ou religiosas; elas refletem conflitos internos do sujeito, como as questões relacionadas à finitude e ao desejo de transcendência.

O discurso do Padre Mello pode ser visto como uma tentativa de lidar com essas tensões, projetando uma imagem de autoridade e espiritualidade que, ao mesmo tempo, busca preencher lacunas existenciais presentes em seu próprio psiquismo. Já a cenografia de Mello, ao ser construída pelo próprio discurso, pode ser vista como uma tentativa de criar um espaço simbólico onde ele,

como sujeito, se relaciona com esse Outro. O enunciador, ao desempenhar papéis específicos na cena discursiva, como Maingueneau propõe, busca não apenas comunicar, mas também estruturar sua própria identidade em relação aos destinatários. Essa relação com o Outro é um tema central na teoria lacaniana e ajuda a entender a dinâmica entre o enunciador e o coenunciador.

Do ponto de vista psicanalítico, as cenas de enunciação propostas por Maingueneau — cena englobante, cena genérica e cenografia — podem ser lidas como diferentes camadas do psiquismo que estão em jogo no processo de comunicação. A cena englobante reflete o contexto social mais amplo em que o sujeito está inserido, enquanto a cena genérica impõe restrições e normas que moldam o discurso, tal como o superego molda os impulsos inconscientes. Já a cenografia, sendo construída no próprio texto, pode ser vista como a tentativa do sujeito de criar uma narrativa coerente e legítima, que permita dar sentido à sua enunciação e, ao mesmo tempo, reafirmar sua identidade perante o Outro.

## CONCLUSÃO

A concepção do ethos apresenta raízes assentadas na antiguidade, na Grécia com Aristóteles e em Roma com Quintiliano e Cícero. Para Aristóteles, a imagem que o orador cria no momento da enunciação necessariamente não corresponde à identidade dele. Para os Romanos, o ethos se ligava a uma imagem pessoal do orador, a credibilidade e a moral transmitida na figura corpórea, não incidindo em uma imagem gerada pelo seu discurso. Contudo, é no pensamento Aristotélico que os estudos da linguagem fincam sua base para construção teórica do conceito de ethos.

Aristóteles buscava estudar as formas constituintes do processo argumentativo quando fundou em sua retórica as três formas de argumentar: ethos, pathos e logos. A primeira centra-se na figura do orador, sua ética, o seu caráter; a segunda representa as paixões, emoções, seduções da posição do auditório; e por fim, o logos que é a parte mais racional do discurso, com a delimitação e classificação de seus argumentos (Souza, 2003). O modo como esses três elementos se articulam é que será determinante para que a argumentação ocorra, de maneira que o orador seja capaz de

conduzir o outro para o convencimento ou a persuasão.

Na antiga retórica a noção de ethos estava ligada à imagem que o orador podia transmitir pelo discurso, associada a representações de credibilidade, caráter e positividade. Como a produção discursiva da época estava baseada na oralidade, os oradores utilizavam características físicas, seus gestos, sua entonação a fim de construir uma autoimagem positiva e crível.

Barthes (1970) lembrado por Maingueneau (2008b, p. 13) define o ethos como “os traços de caráter que o orador deve mostrar ao auditório (pouco importa sua sinceridade) para dar uma boa impressão [...]. O orador enuncia uma informação e, ao mesmo tempo, diz: eu sou isto aqui, não aquilo lá”. O ethos torna-se eficiente pelo fato dele se envolver em qualquer enunciação sem estar explicitamente enunciado.

É possível dizer, ao analisar os escritos de Antonio Francisco de Mello que o ethos também se posiciona em uma cena de enunciação em que o orador pode escolher mais ou menos a sua cenografia. Um exemplo é o discurso político em que um candidato de um partido pode falar a seus eleitores exercendo papéis diversos como: homem experiente, homem tecnocrata, homem do povo (Amossy, 2016). Desta maneira, o enunciador pode escolher a sua cenografia no momento da enunciação, e que Maingueneau (2014, p. 75) amplia:

A cena da enunciação integra de fato três cenas, que proponho chamar de ‘cena englobante’, cena genérica’ e ‘cenografia’. A cena englobante corresponde ao tipo de discurso; ela confere ao discurso seu estatuto pragmático: literário, religioso, filosófico... A cena genérica é a do contrato associado a um gênero, a uma “instituição discursiva”: o editorial, o sermão, o guia turístico, a visita médica... Quanto à cenografia, ela não é imposta pelo gênero, ela é construída pelo próprio texto: um sermão pode ser anunciado por meio de uma cenografia professoral, profética etc.

Com base nessa cenografia é que na visão de Maingueneau (2014) o ethos discursivo é construído, pois é por meio dela que o enunciador escolhe a maneira pela qual quer se mostrar ao

público e alcançar o seu auditório. As imagens de si, construídas no discurso, pressupõem o que o enunciador quer mostrar através do seu dizer no momento da enunciação. Em razão dessa intrínseca ligação do ethos com o ato de enunciação, Maingueneau (2008b, p. 15) ressalta que “não se pode ignorar que o público constrói também representações do ethos do enunciador antes mesmo que ele fale”, são representações prévias por meio de imagens e estereótipos pré-construídos, a quem ele chama de ethos pré-discursivo.

O ethos discursivo de Maingueneau considera também que o ethos proferido pode não corresponder necessariamente ao que é mostrado pelo enunciador e, por sua vez, pode não ser visto da mesma forma pelo auditório. Dessa forma,

O ethos de um discurso resulta da interação de diversos fatores: ethos pré-discursivo, ethos discursivo (ethos mostrado), mas também os fragmentos do texto nos quais o enunciador evoca sua própria enunciação (ethos dito) – diretamente (“é um amigo que lhes fala”) ou indiretamente, por meio de metáforas ou de alusões a outras cenas de fala, por exemplo. A distinção entre ethos dito e mostrado se inscreve nos extremos de uma linha contínua, uma vez que é impossível definir uma fronteira nítida entre o “dito” sugerido e o puramente “mostrado” pela enunciação. O ethos efetivo, construído por tal ou qual destinatário, resulta da interação dessas diversas instâncias (Maingueneau, 2008b, p. 18).

Podemos observar que o ethos dito está relacionado com os enunciados linguísticos, e o ethos mostrado se institui na imagem quando a encenação está sendo elaborada. Dessa maneira, os sentidos revelados pelo texto e imagem enunciados são inseparáveis e sustentados por uma voz, um tom. E, Maingueneau (2004, p. 95) assegura que “toda fala procede de um enunciado encarnado; mesmo quando escrito, o texto é sustentado por uma voz – a de um sujeito para além do texto”. Ao tomar uma voz que sustenta um discurso, o enunciador, independente da validade do que diz, mostra uma atitude, uma performance, pois, sendo verdade ou não, o sujeito da enunciação deverá convencer o ouvinte através da autoridade demonstrada no caráter performático.

A análise do ethos discursivo de Padre Mello, sob a ótica da psicanálise, revela que o discurso vai além das simples estruturas linguísticas e retóricas. Visto que o ethos discursivo, nesse contexto, não apenas constrói uma imagem consciente que o enunciador deseja projetar, mas também reflete desejos e conflitos inconscientes. A construção da cenografia discursiva de Mello, ao se posicionar em diferentes papéis — seja religioso, social ou filosófico —, pode ser vista como uma tentativa de lidar com essas tensões psíquicas, projetando ao público uma imagem que não apenas convence, mas também responde a seus próprios anseios internos.

Este ampliar da compreensibilidade do ethos discursivo de Padre Mello, pela Psicanálise, ilumina as dinâmicas inconscientes que permeiam o processo de enunciação. O discurso de Mello, embora estruturado com base em uma cenografia e ethos convencionais, revela camadas mais complexas da subjetividade do enunciador, tornando-o um meio não só de persuasão, mas de expressão de sua própria psique.

## REFERÊNCIAS

AMOSSY, Ruth. (Org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. Trad. Dilson Ferreira da Cruz, Fabiana Komesu e Sírio Possenti. São Paulo: Contexto, 2011.

FLORES, João Caetano. [Carta enviada]. Destinatário: Ao Bispo de Campos. Ribieria Chã, 17 de agosto de 1981. 1 carta.

FREUD, Sigmund. *A Interpretação dos Sonhos* (1900). São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

FREUD, Sigmund. *Além do Princípio de Prazer* (1920). São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

LACAN, Jacques. *O Seminário, Livro 11: Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise* (1964). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

LACAN, Jacques. *O Seminário, Livro 7: A Ética da Psicanálise* (1959-1960). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

LACAN, Jacques. Os Escritos (1966). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

MAINGUENEAU, Dominique. A propósito do ethos. In: MOTTA, A, SALGADO, L. (Org.). Ethos discursivo. São Paulo: Contexto, 2011, p. 11-29.

MAINGUENEAU, Dominique. Analisando discursos constituintes. Revista do GELNE, Vol. 2, n. 2, 2000.

MAINGUENEAU, Dominique. Análise de textos de comunicação. Trad. Maria Cecília Pérez de Souza-e-Silva e Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2004.

MAINGUENEAU, Dominique. Discurso e análise do discurso. São Paulo: Parábola, 2015.

MAINGUENEAU, Dominique. Discurso Literário. 2ªed. São Paulo: Contexto, 2016.

MAINGUENEAU, Dominique. Doze conceitos em análise do discurso. Sobral. São Paulo: Parábola, 2010.

MAINGUENEAU, Dominique. Elementos de linguística para textos literários. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

MAINGUENEAU, Dominique. Gênese dos discursos. São Paulo: Parábola Editorial, 2008b.

MELLO, Antonio Francisco. Obras seleccionadas de Padre Mello pelo O Norte Fluminense, 2ª Ed. Bom Jesus do Itabapoana: O Norte Fluminense, 2018.

MELLO, Antonio Francisco. [Carta 7 enviada]. Destinatário: João Padre Nosso. Achada, 11 janeiro de 1896. 1 carta.

MELLO, Antonio Francisco. [Carta 8 enviada]. Destinatário: João Padre Nosso. Achada, data e mês ilegíveis. 1 carta.

MELLO, Antonio Francisco. Páginas Memoráveis de Bom Jesus do Itabapoana: Padre Mello, prosa e verso. Org.: Dalton Bastos. Rio de Janeiro: Textus, 2005.

MERLEAU-PONTY, Maurice. Fenomenologia da Percepção (1945). São Paulo: Martins Fontes, 2006.

SOUZA-E-SILVA, M. C. P. et ROCHA, D. Por que ler gênese dos discursos? ReVEL, Vol. 7, n. 13, 2009, p. 1-25.

STEIN, Edth. Sobre el Problema de la Empatía. Trad. José Caballero Bono. Editorial Trota. 2004.